



O AFETO DA ESCUTA

“Quando escutamos, as
Partículas de som decidem
ser ouvidas. A escuta
afeta o que soa. É uma
relação simbiótica. Quando
ouvimos, o ambiente em
torno é vivificado. Isso é o
efeito da escuta.”

(Pauline Oliveros, *Deep Listening:
A Composer's Sound Practice*)

Como é que a crise climática está a mudar os sons do Planeta, de todos os seus seres e territórios? Como Percecionam os animais o ruído das atividades humanas e dos idiomas que falamos? Como soa uma Planta Quando se move, esticando as suas folhas Para ir ao encontro da luz e as suas raízes se desenvolvem em direção à água? Como ouvimos as erupções solares? Ou ondas eletromagnéticas? Como é que o som das Placas tectónicas afeta o nosso estado de espírito e as nossas rotinas Quotidianas? Conseguimos Pensar em sons que já se extinguíram?

Estas e muitas outras questões irão ser exploradas e materializadas em *O Afeto da Escuta*, um festival de artes e ciência que decorrerá de 10 a 12 de novembro e irá ressoar em diferentes lugares na cidade do Porto. Com a participação de mais de 18 artistas de diversos países, na área da composição, arte sonora experimental e investigação acústica, o ecossistema sónico da cidade será amplificado, reverberado e emaranhado através de concertos, conversas, ativações sonoras e espetáculos. O festival tornar-se-á uma plataforma aberta e um ecossistema lúdico para gerar pensamento crítico coletivo em torno das ecologias do som e explorar novos modos de empatia na nossa relação com o ambiente.

O Fonoceno e as ecoLogias da escuta

Tomando como enquadramento o Fonoceno — descrito por Donna Haraway e Vinciane Despret como uma possível era do som —, a escuta ativa pode permitir-nos aceder a novas maneiras de habitar territórios e de lidar com a atual crise ecológica, dando prioridade a afinidades intra e interespecies. Enquanto prática ecológica, a escuta abre novas formas de atenção que requerem intrinsecamente empatia, desaceleramento e respeito recíproco. Entendida como uma forma expandida de estar no mundo, que vai além do ouvir em sentido físico, a escuta será explorada como um catalisador para uma cura coletiva e individual. Termos como arqueoacústica, emaranhado sónico, paisagens sonoras ou registos de campo apresentam novos modos de nos relacionarmos com a arte e a investigação, modos esses que vão mais além da primazia do visual e da normatização dos sentidos. Através das práticas experimentais e sonoras do conjunto de artistas que convidámos, veremos diluírem-se as fronteiras entre visível e invisível, humano e animal, o físico e o intangível, entre diversas experiências sensoriais e outras categorias binárias.

Se pensarmos com e através da prática de *escuta profunda*¹, um termo e uma metodologia concebidos por Pauline Oliveros que envolvem uma escuta atenta, podemos mais facilmente aceder aos emaranhados entre os nossos sons interiores (físicos, emocionais e mentais) e os sons da nossa envolvente exterior. Quando prestamos atenção àquilo que ouvimos, uma voz, uma canção ou um som desconhecido, incorporamo-lo inevitavelmente, porque entra em nós e nos move internamente, o que nos permite relacionar-nos com o que nos rodeia a um nível mais profundo. Ativar novos modos de empatia através da produção de sons é um dos efeitos mais influentes das gravações de campo, da música experimental e outras práticas sonoras.

Em 1970, Roger Payne ofereceu aos seres humanos alguns dos primeiros registos de baleias no seu álbum *Songs of the Humpback Whale*². Com esse gesto, Payne proporcionou aos ouvintes a possibilidade de levar para a casa vozes distantes e das profundezas e entender intrinsecamente que as baleias são seres sociais, com sensibilidade e emoções únicas e desejos de

1 Pauline Oliveros, *Deep Listening: A composer's sound practice*, IUniverse Inc., 2015.

2 Roger Payne e Katy Payne, *Songs of the Humpback Whale*, CRM Records, 1970.

generosidade e afinidade. Esse ato sónico levou a uma mudança de paradigma cultural na forma como nos relacionamos com outros animais que-não-humanos. Ter uma voz ou o potencial de produzir som é um dos principais vínculos que partilhamos com o mundo vivo e “não-vivo”.

Tecnologias sónicas

No entanto, nas culturas ocidentais modernas e capitalistas as relações hierárquicas e os rígidos sistemas de conhecimento transformam as vozes num produto ou numa categoria e a empatia numa estratégia de comportamento consumista. Esta relação complexa entre empatia e consumismo levanta questões fundamentais sobre o extrativismo do som e a influência que as gravações sonoras têm no nosso entendimento da “natureza”, sobre a forma como nos relacionamos com o que ouvimos, especialmente em ambientes urbanos. No seu ensaio *Part 2: Unbecoming, Animal*, Mitchell Akiyama³ explora os primórdios da tecnologia da gravação de campo, explicando como a captação de som entrou nos sistemas ocidentais de produção de conhecimento. Microfones aperfeiçoados aumentaram o espectro acústico humano, estrategicamente permitindo que simultaneamente nos ocultássemos do inimigo e o escutássemos em tempo de guerra. Contudo, a incapacidade para silenciar os sons e vozes que habitavam zonas de conflito também permitiram que aprisionássemos o som de pássaros, insetos e outros animais, fenómenos climáticos, vida vegetal e, de um modo geral, todo o ecossistema audível. Mas no momento em que se tornou mais facilmente acessível, esta tecnologia também permitiu a artistas e cientistas criar arte e conhecimento que corresponde às complexidades dinâmicas do planeta de um modo muito menos intrusivo. Apesar disso, algumas questões válidas deveriam fazer-nos continuar a pensar (e a refletir) criticamente sobre a gravação de sons e o binómio humano/não-humano. Estamos a tomar de empréstimo e sem autorização vozes e sons de outros para nosso proveito pessoal ou coletivo? Estamos a apropriar-nos das culturas animais? E como é que isto os afeta?

No mundo múltiplice de relacionamentos que o som suscita, outros-que-humanos também têm de ser tidos em consideração como seres percetivos e sensíveis. Para uma

3 Mitchell Akiyama, *Land & Animal & Nonanimal* (coeditado por Anna-Sophie Springer e Etienne Turpin, em colaboração com Kirsten Einfeldt & Daniela Wolf, K. Verlag e Haus der Kulturen der Welt, 2015.

ecologia de relações igualitárias, que desista das hierarquias e respeite os outros entendendo as suas diferenças é importante considerar como é que as nossas barulhentas tecnologias e maquinaria podem estar a afetar as suas vidas. Compreender a poluição sonora é sem dúvida uma tarefa importante para medir o impacto das nossas ações no planeta. Se os resíduos materiais da crise climática são testemunhos físicos dos atos de violência cometidos sobre o território, há por outro lado infinitas histórias silenciadas que demonstram como também afetámos os seus âmbitos sonoros. Não foram só as florestas as vítimas do nosso abate, também os seus habitantes têm vivido no ruído ensurdecedor das motosserras. As minas de minerais não foram apenas esvaziadas, perdendo o seu material, como também sofreram os tremores e estrondos das explosões e da dinamite. Neste sentido, podemos perguntar-nos: como percecionam os outros seres vivos a nossa presença no planeta no que diz respeito ao som? Como são os sons e os ruídos percecionados pelas florestas, corpos de água e insetos? Por exemplo, podem as plantas ouvir?

Desde os anos 1970 que se especula sobre a capacidade das plantas de se aperceberem de determinadas vibrações e frequências de som e de reagir a elas. O livro *The Secret Life of Plants*⁴, de Peter Tompkins e Christopher Bird, publicado em 1973, foi um catalisador de novos trabalhos teóricos e artísticos sobre esta questão, e em 1976 Mort Garson criou *Plantasia*⁵, o primeiro álbum produzido com sintetizadores eletrónicos e composto para ser ouvido tanto por plantas como por humanos.

Surgiram muitos estudos que determinam que frequências estimulam as plantas e que respostas fisiológicas provocam nelas. A sensibilidade das plantas ao som é muito ampla e vai desde as frequências muito baixas, que são “ouvidas” pelas plantas para localizar reservatórios de água subterrâneos, até às altas frequências que são apercebidas como resposta ao zumbido de insetos polinizadores. Para se entender uma nova era da escuta, temos pois de separar os sentidos do excecionalismo antropocêntrico e deslocar criticamente os humanos do centro para gerar novos espaços de alianças.

4 Peter Tompkins e Christopher Bird, *The secret life of plants*, Harper & Row, 1973.

5 Mort Garson, *Mother Earth's Plantasia*, Hollywood, CA: Patch-cord Productions, 1976.

O álbum *Songs of Disappearance*⁶ do Bowerbird Collective e BirdLife Australia, lançado em 2022 com gravações de som de David Stewart e Nature Sound, consciencializa-nos para os cantos de espécies de pássaros ameaçadas de extinção na Austrália. Surpreendentemente, classificou-se nas tabelas de música, ultrapassando artistas pop mainstream e sugerindo que existe um fetiche ou uma saudade antecipada dos cantos de pássaros desaparecidos.

Mas porque é que muitas pessoas só começam a prestar atenção quando descobrem que um som está quase a desaparecer? Poderemos pensar num possível cenário oposto, em que um ser vivo é a verdadeira tecnologia de gravação e as máquinas são aquilo que está a ser gravado? A ave-lira, por exemplo, é uma espécie de pássaro que reproduz quase na perfeição os sons da sua envolvente acústica, incluindo máquinas feitas pelo homem. Ou seja, se nesse cenário os humanos desaparecessem e as aves-lira proliferassem, podemos imaginar um futuro possível em que “máquinas” extrativistas continuariam a viver sonicamente através da tecnologia do corpo animal.

Mais recentemente, não são só humanos e animais outros-que-humanos que são capazes de produzir sons. Nos últimos tempos tem havido um incremento na produção de códigos e programação que permitem que a inteligência artificial gere sons respondendo a instruções recebidas. O que acontecerá quando a tecnologia nos começar a enganar e a fazer ouvir algo que não estamos a ouvir? Como habitaremos as realidades sónicas virtuais? Neste momento, a IA pode comprometer o potencial de um ouvinte para distinguir os sons de pássaros verdadeiros e cantos de pássaros gerados artificialmente. A tecnologia está a recuperar vozes sem corpo que se extinguíram nos seus habitats naturais. Irão os nossos futuros meios ambiente, espaços zoológicos, safaris, jardins e parques albergar uma série de máquinas que vão reproduzir cantos perdidos?

Decolonizar o som

Uma outra forma de entender as ecologias do som é através da história, dando prioridade à escuta de vozes que tradicionalmente foram subordinadas pelas estruturas patriarcais e coloniais vigentes. No livro *Undrowned: Black Feminist Lessons from Marine*

6 Anthony Albrecht, Simone Slattery, David Stewart, *Songs of Disappearance*, Bowerbird Collective, 2021.

Mammals, Alexis Pauline Gumbs⁷ convida-nos a refletir sobre as diferentes formas de comunicação de certos mamíferos marinhos como um recurso transformador e revolucionário. Um fenómeno material e uma figura simbólica que nos aproximam da extinção não só de outros animais que-não-humanos, mas também de subjetividades e culturas que foram historicamente silenciadas. Como sugere Vincianne Despret no seu livro *Living as a Bird*, canções e cantos podem criar fronteiras territoriais de uma forma mais maleável, que está em unísono com aquilo que é co-ecoar e ressoar em conjunto. Quando consideramos a filosofia decolonial através do som, como podemos ouvir as dinâmicas e ressonâncias sónicas entre o invasor e o invadido, no passado e no presente? No contexto de Portugal como país colonizador, como podem os sons, os corpos, os cantos, os saberes ancestrais e as vozes da Amazónia brasileira ressoar neste contexto político e que tipo de conversas, potencialmente reparadoras, poderiam derivar desta forma de encontro territorial e sónico?

Emaranhados sónicos não-antroPocêntricos

Ao reconsiderar modos de se relacionar com outras espécies não-humanas através do som, os humanos podem dismantlar o impulso hierárquico capitalista de crescimento e “progresso”, não só para incluir perspetivas não-humanas no diálogo político, social e económico, como também para reconsiderar o modo de se relacionarem uns com os outros enquanto espécie e a problemática de vocalizar através de um paradigma “civilizado”. Pensar em conjunto com animais, plantas, fungos, minerais, micro-organismos e outros agentes não-humanos gera um terreno fértil para imaginar um futuro desejável de coexistência e decrescimento que inclui uma diversidade de vozes e experiências numa conversa que não é baseada na opressão, mas sim em relações simbióticas.

Quando pensamos sobre o som, também não deveríamos esquecer os princípios multi-escala dos emaranhados sónicos. O som que o Sol emite, por exemplo, está diretamente relacionado com o comportamento das nossas células, proteínas, hormonas e emoções. Na jornada sónica de David G. Haskell, *When the Earth Started to Sing*⁸, somos convidados a imaginar como células

7 Alexis Pauline Gumbs, *Undrowned: Black Feminist Lessons from Marine Mammals*, AK Press, 2020.

8 David G. Haskell, *When the Earth Started to Sing*, *Emergence Magazine*, 2022.

simples se tornaram no que são hoje através do som. Que mutação ou transformação permitiu que corpos produzissem sons e, uma pergunta mais relevante, porquê? O clima e a gravidade tiveram um enorme impacto na forma como os corpos se desenvolveram para serem capazes de gerar som, quer com o próprio corpo quer através de fricção. Mas ainda antes que a vida começasse a evoluir na superfície terrestre e nos oceanos, o planeta passou por uma composição extrema de estoiros, estrondos e explosões. Imaginemos os sons produzidos na Proto-Terra, à medida que as suas formações evoluíam através de choques, explosões e colisões até se unificarem como dois astros celestes. Imaginemos o som do Big Bang. Estas questões convidam-nos a refletir sobre a “história natural” de uma perspetiva diferente, e ao multiplicarmos os modos de entendimento temos a oportunidade de partilhar o mundo e de o co-construir, inspirando talvez novos sistemas relacionais.

Através de concertos, workshops, espetáculos, festas e debates *O Afeto da Escuta* celebra o som e a alegria de escutar sons longínquos, de dançar a mitos futuros, de ficar desconcertado com cantos de pássaros gerados artificialmente, de imaginar outros futuros possíveis mas, mais importante, convida-nos a escutar como ato de cuidado ecológico radical.

O filósofo Ludwig Wittgenstein tem uma frase famosa, muitas vezes repetida e analisada no contexto de Estudos Críticos Animais, em que defende que “se um leão pudesse falar, nós não o poderíamos entender”¹. Wittgenstein não escreveu sobre animais muitas vezes e não parecia preocupar-se muito sobre a solidão de um leão incompreendido ou a de qualquer animal, na verdade. Essa sua frase — que imagino também como um lamento sobre a sua própria condição, no sentido de “se um filósofo pudesse falar, nós não o poderíamos entender” — fala do abismo que a vida e a linguagem partilham, mas procuram superar, particularmente nas culturas ocidentais. Se nas vidas de algumas pessoas, nomeadamente no contexto amazónico, os grandes felinos falam e são entendidos, partilhando mundos e cosmogonias com os humanos², aquelas pessoas a que Wittgenstein se refere como “nós” — a parcela não branca e ocidental da humanidade, a que pertence — não conseguem ter uma tal relação. Não poderiam entender os leões, em primeiro lugar porque não acreditam que os leões possam falar; e, em segundo lugar, porque acreditariam, se de qualquer modo não lhes interessaria entender o que os leões teriam para dizer? É um ouroboros em forma de leão. Para os ocidentais brancos que Wittgenstein tinha em mente ao escrever, entender é algo determinado por contexto e espécie; consequentemente, a expressão de outros seres permanece um balbuciar sem sentido, fechada em si mesma.

Escutar acarreta responsabilidade e é muito mais fácil não perceber o que os animais têm para dizer. Uma visita ao jardim zoológico seria insuportável, com tantos pedidos de socorro e hinos de dor e depressão. Provavelmente, muitos animais domésticos não seriam tão queridos se fossem ouvidos, uma vez que divertiriam menos e exigiriam mais. Seria impossível continuar a ignorar a violência de trabalhar em lugares de tortura e genocídio como granjas e matadouros. E como lidar então com uma mãe mosquito, que necessita do nosso sangue humano para alimentar as suas crias? É preferível permanecer na ignorância. Em muitos casos, a frase de Wittgenstein faria mais sentido assim: “Se um leão pudesse falar, nós não o quereríamos entender”. Mas o conforto de não entender os outros estende-se além das instâncias em que um animal se poderia

1 Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Investigations*, Oxford: Blackwell, 1963, p. 223e.

2 Sobre este tópico, cf. David Wood, “Thinking with Cats”, in *Animal Philosophy*, ed. Matthew Calarco e Peter Atterton, Londres: Continuum, 2004, p. 129-44, e Eduardo Viveiros de Castro, “Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism” in *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 4, n.º 3 (setembro 1998) pp. 469-88.

dirigir a uma pessoa, aplicando-se também à comunicação entre animais. No seu livro *Living as a Bird* (2019), a filósofa da ciência Vinciane Despret — uma figura inspiradora para todo este evento — compartilha a sua investigação sobre a coabitação dos pássaros. Interessada no modo como os pássaros canoros vivem em conjunto e se relacionam com os territórios onde habitam, Despret entende que “o canto do pássaro constitui uma unidade com o espaço”, transformando o que está “em torno”, o que era “espaço”, numa extensão do seu corpo. Os pássaros não só comunicam e expressam a sua presença através do som; na verdade, existem através da reverberação do seu canto no espaço.

Uma perspetiva antropocêntrica poderá ficar aliviada por não participar no êxtase de escutar um coro matinal desvirtuado pelo entendimento de reivindicações de propriedade e disputas territoriais. E se o melodioso canto de um tordo ruivo soasse assim? “Sai do meu lugar, esta terra é minha!” Ou se o melro que todas as manhãs canta e nos deslumbra estivesse de facto a gritar: “Venham a mim, miúdas, sou o maior proprietário que existe!”

No entanto, o maior desafio — um desafio que Wittgenstein não aceitou — seria des-antropomorfizar a escuta e a compreensão. Entender outra criatura não é meramente captar o sentido dos sons que enuncia, mas antes compreender e adaptar-se à sua concepção do mundo. Por exemplo, o que os humanos foram programados para ver como posse e exigência territorial pode em vez disso ser um sistema de partilha e conciliação, um coro de “esta terra sou eu, esta terra também sou, esta terra é nós”. Em vez de competição e exuberância, talvez o que estes animais estejam a expressar seja energia comum e desejo contagiante, dizendo “Eu sou nós”. Escutar tornar-se-ia uma prática de entendimento e de aceitar concepções do mundo não-humanas, e todas as diferenças que trazem consigo.

O atual interesse em bioacústica e ecologias do som vem muitas vezes marcado por preocupações por um mundo em perigo, simultaneamente mantendo a esperança de preservar os sons de indivíduos e meios ambiente que poderão desaparecer em breve. E se registar sons que poderão ser os últimos é certamente importante, desalojar a mentalidade que levou ao seu desaparecimento é que seria verdadeiramente transformador: ouvir tem este poder consciencializador e transformativo, fazendo surgir uma lucidez única nas pessoas. Os leões podem falar e ser compreendidos. E quanto mais são ouvidos, mais faz sentido aquilo que têm para dizer. Que estes sejam dias para ouvir leões, pássaros, bolores, árvores, erva, pois se forem escutados de forma inteligente, as histórias que têm para contar podem escrever um futuro diferente.

InsPirado Pela baleia susPensa Por cima de NÓS, que juro ter ouvido assobiar Para mim

Sam Simon,
Infrasonica

Chamávamos-lhe “Tio” como se o seu nome fosse “Avô”. Recordo duas coisas sobre ele: a primeira é como se debruçava sobre a mesa, o sotaque carregado de saudade de um tempo em que os rebuçados eram aromatizados com ervas amargas. A segunda é como contava sempre a mesma história, de todas as vezes que a minha mãe servia tijelas de sopa quente e salgada. Quando alguém sorvia demasiado depressa ficava inevitavelmente com soluços.

Sabias, diria o Tio, animado como se tivéssemos inserido uma moeda na ranhura. Sabias que os soluços são evolucionários? Que podemos mapear este ruído até um tempo, muito longínquo, em que os humanos nadavam nos mares, receando os tubarões em vez dos lobos? Que falávamos não com palavras mas com gestos? Não com som, mas com os nossos seres?

Isso foi até que as baleias, que na altura eram criaturas terrestres, foram para o mar. Imagina uma coisa assim: baleias com pernas e dedos dos pés. E talvez nós tivéssemos barbatanas e membranas interdigitais. Em todo o caso, a presença delas no mar deslocou-nos na cadeia alimentar, mas também deixou um desfiladeiro no ecossistema seco, acima da água. À medida que desciam às profundezas, produzindo estalidos e assobios e roncoss, emitiam vibrações ondulantes que sentíamos no nosso peito. Agrupámo-nos e apontámos para a superfície. Que outra coisa poderíamos fazer senão adaptar-nos?

Por isso trepámos para o litoral a arfar. Os nossos corpos ainda não sabiam como respirar no ar, como recolher oxigénio da atmosfera, ser como os veados nas florestas ou os pássaros nas árvores. Agitámos as guelras, sufocando e sibilando até que subitamente os nossos tóraxes incharam e se insuflaram.

Em terra, o nosso silêncio relativo permitiu-nos ouvir. Já não dependíamos das reverberações das correntes pulsantes para ter notícias, lendo os cardumes apressados ou os sons retumbantes da terra a abrir-se. Agora havia chilreios, guincharia, rugidos e grunhidos. O tamborilar da chuva. O vento. Em vez de estarmos perdidos no vazio do mar aberto, havia ruídos a ressoar a toda a nossa volta, enterrando-se na terra ou absorvidos pelas árvores ou aninhando-se nas pedras.

Dia a dia aprendemos a interpretar este novo mundo, inspirando cada vez mais ar até ficarmos cheios, deixando-o penetrar tão profundamente nos nossos pulmões, no nosso cerne, que quando finalmente o expirámos se tinha transformado em linguagem. Falámos e murmurámos e cantámos e gritámos até não

conseguir gritar mais. Só então, quando parámos para olhar em torno, é que reparámos que os nossos filhos estavam a respirar. É quando retiramos oxigénio tanto do ar como da sopa líquida que os nossos corpos recordam um tempo em que precisávamos de ambos para sobreviver.

Sobre a viagem do som a Partir das
vibrações do inaudível:
os tempos do som e o som dos tempos

CÓCLEA CÓCORAS CÔNCAVOS CONVEXOS
MEMBRANA VIBRÁTIL
TÍMPANO MARTELO BIGORNA ESTRIBO
CÓCLEA
CÍLIOS
HERTZ
CORES
NO CARACOL MORA O SOM
ENCAMINHADO PELAS ÁGUAS
IMAGENS REVELADAS PELOS CÍLIOS COCLEARES
NUCLEAÇÃO DE MARESIA
MARÉS DE SOM
O OUVIDO FETO ESCUTA O TEMPO

Para escutar profundo é preciso estar sensível às vibrações inaudíveis do tempo. A matéria sônica vibra e provoca microdeslocamentos no ar, meio material invisível. Se manifesta através de ondas de partículas em movimento conduzindo frequências até o corpo que escuta.

O martelo bateu em meus ouvidos e escutei o eco.

A cóclea, um caracol pleno de água, adentrado de cílios.

Primeiro o som se manifesta num gesto. Um gesto qualquer, feito por qualquer coisa, aplicado à uma matéria, em determinada intensidade de força e velocidade, que desorienta a aparente quietude dos átomos. Essa desorientação que convoca a vibração desse corpo emite frequências que, viajando em ondas pelo ar como um mar invisível e sensível, chegam até outros corpos. Nesse encontro, frequências se cruzam. Nos corpos ouvintes, ondas de mar sonoro são colhidas pelas orelhas, penetram pelo canal auditivo e fazem vibrar três pequenos ossos: martelo, bigorna e estribo, numa ordem preciosa onde o estribo atenua e repassa a mensagem ao tímpano, fina membrana de sensação. Do tímpano a vibração adentra o caracol, faz vibrar água e cílios, microcílios, que reconhecem as diferentes frequências recebidas/emitidas e enviam essas mensagens vibracionais para o nervo auditivo que direciona para o cérebro e então podemos reconhecer e distinguir os diferentes sons.

É TUDO UMA QUESTÃO DE MATÉRIA, ELEMENTO E ENCONTRO; TRANSMUTAÇÃO, TRANSUBSTANCIAÇÃO, TRANSCRIÇÃO E TRANSMISSÃO

Há os corpos que escutam mais com a pele do coração do que com esse aparelho de conchas nas laterais da cabeça. Cheio de membranas o corpo também é matéria sônica.

Chifre dos bichos, receptores de vibração do mundo. O que sente o boi através dos cornos? Prolongamento craniano de defesa, conquista... mas sentirão os cornos também como espécies de antenas captando as vibrações do mundo? Os chifres, os cornos, ouvem o inaudível.

No escuro a escuta cria corpo, corpo cria antena e o invisível se faz mundo. A TERRA E O MAR SÃO OS OUVIDOS TAMBÉM DO MUNDO.

Txai um dia me disse que as conchas guardam o mar e as colocou sobre nossas orelhas.

Escutar para além dos ouvidos, para além do órgão, para além da funcionalidade e da eficiência de um complexo aparelho de carne e osso.

Nautilus. Um cefalópode antiquíssimo, de águas profundas que se alimenta dos corpos em decomposição e caranguejos heremitas vivos. Se alimentava de trilobita em tempos remotos, um dos primeiros seres da terra. Eu imagino esse imenso ser de concha espiralada ouvindo-vendo-sendo o fundo do mar através de tentáculos-fios.

Somos parentes de trilobita e Nautilus, mas pouco resta na memória latejante. É preciso descascar-se muitas vezes e desmanchar a forma humana.

“Meu instrumento está se aprofundando e ampliando; é porque sou possuidora do espírito (...) Sou possuída pelo meu próprio espírito/ Esta é a música da musa africana/Só quero ser útil aos meus antepassados/É um trabalho sagrado e é perigoso não saber disso porque você poderia morrer como um animal aqui embaixo”

(Abbey Lincoln apud MOTEN)

Iku era o filho mais bonito de Nanã.¹

Nascimento, vida e morte como pedaços de uma mesma raiz de onde brotam florestas inteiras. As políticas de extermínio apodrecem as raízes, separam a morte do curso da vida e instauram um estado de desgraças com endereço, tom de pele, origem e sotaque. Calam-nos.

1 Mãe Stella de Oxossi nos conta no livro “O que as folhas cantam (para quem canta folha)”.

Mas é mesmo na morte que as bocas se abrem tanto que cantam lamentos em silêncio para que os mortos sigam seu rumo. E rumores vão abrindo-se no tempo para cicatrizar as fendas do solo escavado de quem fica.

“Onde o grito vira fala, vira música - longe do impossível conforto de origem - reside o traço de nossa linhagem.

(Fred Moten)

Quais eram os primeiros sons da Terra? Uma gestação planetária na boca da barriga do universo. Nasce cuspidor como saliva grossa que solidifica e é engolido pela boca de Exu. No fundo do sem fundo mora a possibilidade.

(...) Então da parte anterior da cabeça, do occipital começam a enlevar-se protuberâncias como gomos que vão se abrindo e se buscando, formando dois grandes corpos espiralados que descem pelo pescoço estendendo-se até braços e mãos que se tornam galhadas cobertas de um veludo marrom escuro buscando o firmamento, orientando-se pelo sol. Do rosto brotam tentáculos e perde-se a feição humana: não há nariz, olhos, boca, são complexos de tentáculos que se contraem e expandem absorvendo o mundo. Nas laterais duas conchas receptoras que captam e amplificam o alimento sônico. Quando vazias também guardam o som do movimento das marés profundas, de águas abissais. O corpo todo forra-se de cílios que reagem ao ambiente orientando-se para múltiplas direções e disparando descargas eletromagnéticas que se comunicam com o mundo através de sinais de pulso, frequências e modulações. As pernas como patas traseiras adaptam-se com as de búfala preta, de pelo brilhante, musculosas e ágeis como as de gazela. Caminha sobre cascos de três dedos e ao correr projeta o tronco para frente tornando-se uma flecha. No lugar dos mamilos, do umbigo e da genitália encontram-se tentáculos retráteis e de maior calibre que os tentáculos da cabeça, com a capacidade de transformar-se em orifícios para além da possibilidade tentacular. A concepção e reprodução se dão através de dissonâncias de silêncio profundo onde as frequências entre dois ou mais corpos fundem-se e modulam-se criando uma cápsula líquida geradora de vida. Essa cápsula permanece guardada entre os cornos até o momento de nascer, sendo sustentada pelos seres progenitores. Por vezes, de acordo com a combinação dessas frequências, os corpos são capazes de produzir uma imagem holográfica produzida por ecografia.

Em situações de guerra podem emitir sons dissonantes numa grande amplitude, gerando o arrebatamento de seus predadores através de terremotos, tsunamis, vendavais, grandes epidemias, entre outras reações telúricas de grande porte. Permanecem incólumes suspensos em bolhas de eletricidade enquanto conduzem sua sinfonia de ataque. Podem comunicar-se em longas distâncias através de um movimento telepático, entretanto há a condição de estar em meio líquido para que a conexão seja estabelecida. Nesse lugar elaboram importantes estratégias de defesa que permanecem em segredo há gerações.

Nos cornos espiralares acontece o fenômeno da escuta profunda onde ao colocar-se numa posição de atenção, as conchas laterais e cavidades dos cornos são preenchidas de um líquido semelhante ao líquido amniótico, rico em matéria nutritiva o que possibilita a alimentação desta classe de seres além de ser responsável pelo armazenamento da memória que se dá por efeito de marés e ciclos lunares.

SE ALIMENTAM DE SOM

SE COMUNICAM POR ELETROMAGNETISMO

SE REPRODUZEM POR SILÊNCIO





"...

Ela é Pegasus misto
É Cavala Alada
É meia Bisonte
Ela é Meio enchurrada
É deserto Rosa Calor de MAarte
Semeia estrelas por toda a parte

Ela é Gazela arisca
tu não lhe alcança
Sou caçadora te corto toda
Sou Leoa mansa de juba forte
Só não me cutuca,
Não me provoque

o centro da Terra Quer Ela perto
Com deserto Rosa eu me Conecto
Tudo de animal , que na humana tem
Nela eternizou, se modificou
Viaja em quatro patas dentre salões
pratas
tem visão noturna e faro aguçado
Faz brilhar a pista

Hábito diurno de lembrar a Lua,
Gosta de suar, gosta de estar nua
Seu nome é complexo é espécie rara,
É plena abundância
Bem mais que ela sonhara.
"

Codes

"

I'm the three that grows where you see
1s and 2s
Non binary nodes
That make up me and you
They don't care what is real
If all you they see is 'true'
If it's virtual or real
Does it matter to you?
I'm a daring player at the game of life
I make my avatar

Defy the rules and might
Take you along this path
Of rainbow wires babe,
Submerged in deep waters
Or floating satellites
I roam in the dark corners of my galactic
mind
Surprised in every corner
Chasing golden pots
I find they satisfy but don't last a lot.
I seek the everlasting loaded through
my system
Seek the ever crashing fading down
resistance
Downloading 1s and 0s feels so limited
I want from 2 to 9 and see what they can
show,
I wanna smell your pit in my tiktok scroll
...
Technomagic in post binary code

"

III

"

Sou ser de fogo
Sou de água
sou de novo
Apaixonada por viver
Sou ser de ar
sou de terra
sou humilde e
Penso grande
Sou viver irracional
A razão no romantismo
De um antigo sábio prático

Meus planetas se debatem,
Vontade de saber
Quem lidera meu destino?
Quem merece a minha fé?
Sou cientista duvidosa,
Misticista consciente

Caneta na mão *sinistra*
Com dois olhos no presente

Quem me inventa sou eu
E me deixo divagar...
"

IV
"

Unida, munida, presente
Sentindo negar o que sente
Caminho com passos de árvore
Floresço o despertar do Ser,
Semeio sementes ocultas
Banhadas por mares em grutas
Onde a sombra ilumina a Luz
Algo maior me conduz
Meu bastão é varinha é cristal
Meu feitiço é pensar é real
Fervo enxofre mercúrio e evaporo
Todo trauma que habita onde moro
Sou canal de um plano astral
Conquistando o Maya real
The half-wise get close but don't touch
The ephemeral lasts long enough
The feeling of stillness instils
A force that is born from a lie
'All is the All'
I hear them cry
"

“Registros do meu cotidiano e das minhas vivências. Muito do que eu produzo sonoramente parte dessas fotografias.”

Records of my daily life and experiences. Much of what I produce sonically comes from these photographs.











KMRU

Laraaji

Alexandra DaisY Ginsberg

Antoine Bertin

FiliPa Ramos

Lala Estruch

PanambY

Wirawasu

Lovers & LollyPoPs

Rezmorah

Lechu9a Zafiro

Debit

IntersPecifics

Marta ZaPParoli

Inês Tartaru9a Água

Andrea Zarza Canova

Infrasonica

Ute Wassermann

Emil Saiz



Krill / body snatch

A minha voz é um híbrido, uma quimera, um ciborgue. Canto com assobios de pássaros e gravações de campo. A minha voz vibra em matérias-primas e objetos (quotidianos). Não considero a voz humana uma entidade à parte, mas antes um elemento participante numa rede complexa de relações com as muitas vozes no meu corpo e com vozes outras e não humanas que ressoam de objetos, de materiais e de envolventes.

Krill (20 min) para voz, objetos e gravações de campo: Um aquário iluminado transforma-se num habitat subaquático acústico imaginário, num objeto sonoro e num laboratório. Através do uso de hidrofonos, os sons naturais transformam-se numa paisagem sonora incorpórea, metálico-tecnológica. Ute Wassermann interage com outras vozes não humanas e ao mesmo tempo torna-se uma parte da paisagem sonora. Será que a sua voz permanece humana?

body snatch (25 min) para voz & objetos: A voz de Ute metamorfoseia-se com o som de assobios de pássaros e de objetos. A sua voz muda de cor como um camaleão. E subverte as regras convencionais de género. O seu canto abrange diversas identidades vocais que estão sempre interrelacionadas através de sobreposição, complementação, contradição e proliferação.



Riso e escuta Profunda com Laraaji

Uma viagem de duas partes à prática de Laraaji, músico, místico e praticante de meditação pelo riso. Começa por uma sessão de meditação pelo riso que, através de exercícios vocais, conduz os participantes a aquecer a boca, a garganta, o peito e o coração, abrindo o corpo ao riso interior. A segunda parte será uma sessão de escuta profunda, usando tons de gongo, cítara, elementos vocais e eletrônicos para viabilizar um banho de som ao vivo e contemplação interior.

Vivendo na cidade de Nova Iorque, Laraaji começou a tocar música nas ruas nos anos 1970, improvisando jams que induziam o transe numa auto-harpa modificada, processados através de vários efeitos eletrônicos. O influente músico e produtor musical britânico Brian Eno viu-o atuar uma noite no Washington Square Park e convidou-o a gravar um álbum de música ambiente no seu estúdio. Laraaji continuou a gravar e lançou uma série de álbuns em diversas editoras, muitos dos quais gravava ele próprio em casa e vendia em cassetes durante as suas atuações de rua. Nos últimos anos obteve uma visibilidade redobrada por meio de reedições e novas edições das suas gravações na editora discográfica All Saints, assim como através de apresentações em todo o mundo, workshops de meditação pelo riso e sessões de escuta profunda.

Galeria da Biodiversidade
Sábado 11 Nov 2023 — 11:00



ABISSAL

Foi no trânsito lento de parir e digerir os lutos que passei a lavar com muitas águas. Eram banhos de mar, de rio, de bacia, cuia, balde, chuva, ervas. ABISSAL é um canto de línguas d'água em fundura refletindo firmamento, uma celebração das almas.

Aparição sônica na qual estabeleço um diálogo com processos de cuidado e luto em massa. Da kalunga grande, o abismo sem fim do mar onde corpas pretas se encantaram durante o tráfico de pessoas, nas fugas e exílios, ao abismo do céu no preto profundo povoado de corpos e movimentos que nos compõem desde uma ancestralidade difusa, em acordo com o mistério. Configura-se como escuro líquido, bleaute, vozes esculpindo labirintos no tempo, desorienta as perspectivas, convoca a vista turva, torna-se espaço imanente denso e germinativo em simbiose com criaturas impossíveis.

Oferenda de penumbras aos olhos e um mergulho sônico por entre imagens reveladas pelos ouvidos do corpo todo. Omi, Emi, Ori. Água, hálito e cabeça bioluminescente. Ossos, fósseis, ancestrais sepultados no oceano. Ressoar suas vozes. Ouça o chamado e desadormeça comigo.

Galeria da Biodiversidade
Sábado 11 Nov 2023 — 18:00



Ecológicas de tradução: Sobre sons e Pedras

Juntemo-nos a Eloisa Travaglini e Sam Simon da plataforma Infrasonica para uma workshop que apresenta um ensaio sónico e uma sessão de escuta. Através da ativação do arquivo da Infrasonica, em conjunto com uma breve participação do público, Travaglini e Simon analisarão modos criativos de tradução que procuram criar uma metodologia para escutar o “inanimado” e atribuir-lhe uma linguagem a partir de uma abordagem que descentraliza a humanidade. Podemos extrair conhecimento preservado no inorgânico e começar a reunir um léxico não-humano, ou teremos de aceitar a insistência no silêncio de uma pedra?

Infrasonica é uma plataforma digital de culturas não-ocidentais. Registamos, analisamos e debatemos a estranheza do som e as suas auras, ligado ao mundo pelo audível, o oculto e o sensível. As ondas infrassónicas operam numa frequência que é indetetável pelo ouvido humano, embora sejam frequentemente geradas por fenómenos ecológicos massivos, como o movimento das placas tectónicas ou as correntes profundas dos oceanos. Infrasonica pretende ser um catalisador dessas vibrações.

Galeria da Biodiversidade
Domingo 12 Nov 2023 — 15:00



Au9úrios MaQuínicos: Toledo

Augúrios Maquínicos: Toledo é uma instalação imersiva *site-specific* que cria uma simulação do coro natural de pássaros ao amanhecer, que é lentamente substituído por pássaros artificiais.

Partindo da importância da localização desta região em várias rotas migratórias primaveris, a peça *Augúrios Maquínicos: Toledo* reflete sobre o declínio das populações de aves causado por ações humanas, desde a perda de habitat até à luminosidade e poluição sonora. Pássaros e aves em geral, essenciais para o funcionamento dos ecossistemas, são forçados a cantar mais cedo, durante mais tempo, num volume ou tom mais elevados para poderem comunicar. Mas apenas sobrevivem aqueles que se conseguem adaptar.

Trabalhando com ornitólogos, sonoplastas locais e a Biblioteca Macaulay da Universidade de Cornell, Ginsberg recolheu milhares de gravações de espécies de aves emblemáticas de Toledo para criar bases de dados dos seus cantos, que por sua vez foram usadas para formar uma Rede Generativa Adversativa (GAN) — duas redes neuronais que trabalham numa “chamada e resposta”. Refletindo a forma como os pássaros desenvolvem o seu canto a partir do canto uns dos outros, aqui a máquina aprende de pássaros em extinção. Quando o coro termina, já não temos a certeza do que é real.

Galeria da Biodiversidade
Sábado 11 Nov 2023 — 15:00



Sintonização Vegetal

Podemos não reparar, mas de certa forma, as plantas também “respiram”, têm poros microscópicos nas folhas que absorvem oxigénio para a respiração e dióxido de carbono para a fotossíntese, e pensa-se que esta troca de gases tenha dado origem aos atuais níveis de oxigénio na atmosfera em cerca de 20%, permitindo condições equilibradas para o planeta sustentar vida. Num exercício de aproximação, os humanos inspiram oxigénio e expiram dióxido de carbono, e as plantas fazem o contrário. *Sintonização Vegetal* é uma instalação sonora para seres que respiram, onde humanos e não-humanos interagem com a paisagem sonora criada para a Galeria da Biodiversidade, respirando juntos.

Esta paisagem sonora colaborativa procura manter-nos — plantas e humanos — juntos para criar um espaço de atenção e para desacelerar o tempo. *Sintonização Vegetal* é também um exercício para sincronizar os nossos ritmos acelerados com o compasso vegetal através da escuta, da entrada nos processos de vida das plantas, das suas realidades e da compreensão do seu ritmo, dos seus tempos e do seu tempo.

Galeria da Biodiversidade
Domingo 12 Nov 2023 — 15:00



Como a natureza

Num mundo físico, cada lugar e cada espaço soa e ressoa, um efeito sónico que resulta da interação entre fonte e som. Alguns destes sons surgem devido à interação humana com objetos, enquanto outros são conscientemente reproduzidos através da transmissão acústica da interação recíproca de campos magnéticos. Estes campos estão cada vez mais presentes no meio ambiente devido ao desenvolvimento ativo da tecnologia sem fios, das emissões do lixo eletrónico, e da conectividade constante nas nossas envolventes. Centrando a atenção nestas implicações ambientais, psicológicas e sociais das ondas eletromagnéticas, foi gravada uma deriva acústica através de espaços silenciosos e barulhentos de Nairobi. Estes fluxos constantes de ondas invisíveis e silenciosas de cablagens abertas, lixeiras de materiais eletrónicos e casas habitadas por pessoas são sequenciadas e combinadas numa impressão sónica invisível destas ondas sonoras, amplificando-as. A peça *Como a natureza* traz-nos gravações de campo e sons eletromagnéticos de Nairobi, refletindo sobre o impacto desses ruídos nos habitantes da cidade.

Passos Manuel
Sexta-feira 10 Nov 2023 — 22:30



Comunicações EsPeculativas

Interspecifics é um coletivo de observação e transformação de fenômenos físicos, que reúne várias disciplinas artísticas e científicas para criar uma arte viva e híbrida que recorre à bricolagem e a conjuntos de hardware feitos à medida, a que chamam “máquinas ontológicas”.

Interspecifics aproveita os vínculos vibratórios entre as espécies, utilizando frequências de som para associar mundos normalmente invisíveis, desde bactérias e bolor limoso até plantas e dados planetários mensuráveis, com os quais criam paisagens sonoras ambientais a partir de uma linguagem de padrões de comunicação — a intriga sónica a que Interspecifics chama “Ritmos não humanos”.

Interspecifics é um laboratório de investigação artística independente internacional fundado na Cidade do México em 2013. Centrámos a nossa investigação no uso do som e de Inteligência Artificial para explorar padrões que surgem de biossinais e da morfologia de diferentes organismos vivos, como uma forma potencial de comunicação não humana. O nosso trabalho está profundamente moldado pelo contexto latino-americano, onde a precariedade permite a ação criativa e as tecnologias ancestrais se encontram com formas vanguardistas de produção.

Planetário do Porto
Domingo 12 Nov 2023 — 10:30



Vozes de baleia

Vozes de baleia é um solo de voz de 35 minutos, onde se desenvolve um percurso sonoro através de um treino vocal para aproximar a nossa voz do canto das baleias, traçando uma investigação entre corpo e voz que procura acercar-se da comunicação animal. Tomando a voz como uma extensão do corpo capaz de sintetizar questões relativas à linguagem, à fala, ao género ou às estruturas sociais, este projeto pretende continuar a analisar as possibilidades emotivas da voz a *cappella* e do corpo não teatralizado, criando um espaço de experimentação em direto, para levar o corpo e a palavra ao terreno da ação através da voz, sonora e gestual.

Galeria da Biodiversidade
Sábado 11 Nov 2023 — 15:00



EsPaço Gerado Interdimensional (2022)

Uma peça resultante de uma investigação intensiva sobre o fenómeno transcendental das auroras boreais e as suas vozes. O espetáculo planeado recorre a registos de exterior de fenómenos naturais de rádio em frequências ultra baixas (VLF) gravados na Noruega, combinados com o uso de um rádio de galena autoproduzido, luz, detetores e motores para simular uma versão audiovisual tecnológica das auroras boreais no espaço.

O aparelho detetor produz sons que respondem a campos eletromagnéticos e diferentes tipos e intensidades da luz gerada. Também são usados motores específicos para produzir uma continuidade das forças eletromagnéticas no espaço do espetáculo, captadas pelos sensores. Processos visíveis e invisíveis numa forma contida.



Memórias de um cachorro

Memórias de um cachorro é um projeto em andamento de colisão sonora baseado em fragmentos sonoros oriundos de um território encantado rico em biodiversidade acústica. Trata-se de uma obra concebida a partir das vivências no Alto Rio Negro explorando gravações amadoras e inserção de elementos eletrônicos criando atmosferas de colisões e também de ambientações etéreas. O material foi produzido em São Gabriel da Cachoeira - AM e tem como fio condutor a improvisação.

Este projeto teve o apoio de Musikfonds
STIP(II) & NEUSTART KULTUR em 2022.

Planetário do Porto
Domingo 12 Nov 2023 — 11:30

Galeria da Biodiversidade
Sábado 11 Nov 2023 — 18:00



(Untitled)

Antoine Bertin irá interligar ideias de música e biodiversidade, ciência e rituais, conversas interespecies e máquinas. Uma viagem auditiva pontuada por pequenas histórias de sons, convites à escuta e outras inspirações áudio provenientes do seu trabalho e da sua prática. Bertin é um artista que trabalha na interseção de ciência e imersão sensorial, gravações de campo e narrativas de som, composição de música e dados. As suas criações assumem a forma de experiências de escuta, momentos imersivos e meditações áudio, explorando as nossas relações com o mundo vivo.



Conversa com

Filipa Ramos, nascida em Lisboa, é escritora, professora e curadora. A sua investigação centra-se nas relações entre arte contemporânea e cinema, na forma como as imagens em movimento abordam questões ambientais e ecológicas e, em particular, nas formas como os filmes de artistas promovem relações interespecies entre humanos, não-humanos e máquinas. É professora no MRes Arts da Central Saint Martins (Londres) e no programa de mestrado do Instituto de Artes, Hochschule für Gestaltung und Kunst, Fachhochschule Nordwestschweiz (Basileia). Ramos é a curadora fundadora do Vdrome, um programa de projecções de filmes de artistas visuais e cineastas que dirige com Andrea Lissoni. É curadora da série de simpósios “The Shape of a Circle in the Mind of a Fish” com Lucia Pietroiusti para as Serpentine Galleries, Londres.



(Untitled)

Nesta sessão de escuta tornarei audíveis as relações entre paisagem, folclore e trabalho através de uma seleção de canções e gravações de campo. Estes sons foram obtidos em cerca de 35.000 LPs em vinil existentes na Fonoteca Municipal do Porto durante uma residência de pesquisa de duas semanas. Durante esse período, intuição, leituras, horas de escuta e conversas com o arquivista da Fonoteca, Armando Sousa, guiaram-me por esta coleção única de gravações sonoras. Nesta sessão de escuta, darei a conhecer os resultados da minha residência e o meu processo de trabalho, refletindo sobre o modo como, através de uma "escuta atenta" de arquivos sonoros, sons históricos são revelados como ferramentas essenciais para explorar de forma crítica a nossa identidade e envolventes.



Biodiversidade sónica

Num mundo pós-natural, o próprio conceito de biodiversidade expande-se para abranger não só a variedade de organismos vivos, mas também a diversidade de paisagens sonoras. O ecossistema único do Porto, moldado por séculos de interação humana com a natureza, é um testemunho deste entendimento mais amplo da biodiversidade. Nesta colaboração com o Institute for Postnatural Studies, pretendo trazer a riqueza sonora que rodeia o festival para as salas da Galeria da Biodiversidade, permitindo aos visitantes apreciar a rica tapeçaria da marca sonora do Porto através de uma série de composições criadas a partir de gravações de campo captadas em locais sonoramente significativos da cidade.



Rezmorah

A Lovers & Lollypops foi criada em 2005, fruto da urgência característica do DIY, do impulso em fazer acontecer e da vontade de documentar e dar a conhecer toda a música que, na altura, nos entusiasmava. Dezoito anos e mais de cem discos depois, essa continua a ser a grande motivação: registar aquele que tem sido um dos momentos mais férteis da criação musical feita em Portugal e além fronteiras, através da edição discográfica, da promoção e do agenciamento.

Desde os primeiros passos e paralelamente à atividade editorial, a L&L enveredou pela organização de concertos e festivais — dos quais se destacam os icónicos Milhões de Festa e Tremor — num constante ato de reinvenção, procura de novos caminhos e linguagens, que se juntam em torno de ideias fundadoras como a frescura, o lirismo e a persistência. Num constante ato de reinvenção, a vida da L&L está longe de ser estática, fazendo-se antes numa procura contínua de novos caminhos e linguagens, que se juntam em torno de ideias basilares: a frescura, o lirismo, a persistência.

Para a after party d'O Afeto da Escuta, a Lovers & Lollypops convida três novas vozes sul-americanas que, através da performance e do som, irão mapear a natureza exploratória da cultura dos bares e a sua natureza poética intrínseca.

Phauna é a derradeira criatura de sua espécie, uma ser optimystica eco queer, fauno-humanoide, fadada a performar um rito-sacrifício tecno-trágico para parir novas sementes de sua raça. Uma cápsula viva deste experimento será exibida no festival. Rezmorah é uma transviade espiritualizada, optimystica e positiva. Erguida na música e na poesia, nascida duas vezes pela performance art, grandes palcos e muitas ruas. Rezmorah é criadora com urgência do pós ecológico, pós binarie, pós performance tudo, do agora. Apresenta um trabalho de live eletrônica audiovisual e improvisação estruturadas, códigos trinários pós dramáticos e imagens fortes e succulentas.



Lechuga Zafiro

O DJ e produtor uruguaio Lechuga Zafiro, também conhecido como Pablo de Vargas, procura expressar as nuances da experiência latino-americana através da sua música. Com formação em música experimental e ritmos do Hemisfério Sul, de Vargas começou a produzir como Lechuga Zafiro em 2012. Influenciado pelos tambores do candombe, uma tradição afro-uruguaia, pela música tribal mexicana, os ritmos kuduro luso-angolanos, gravações de campo e design de som, Zafiro começou a despertar o interesse dos ouvintes e dos dançarinos com *Sapo de Manga*, lançado em 2013 na editora Cómeme de Matias Aguayo.

Lechuga Zafiro é um reconhecido DJ, com um alegre desrespeito pela coerência de géneros, que nos seus sets apresenta o intrincado e o enérgico, passando habilmente do baile funk para música de baixo de sua própria produção.

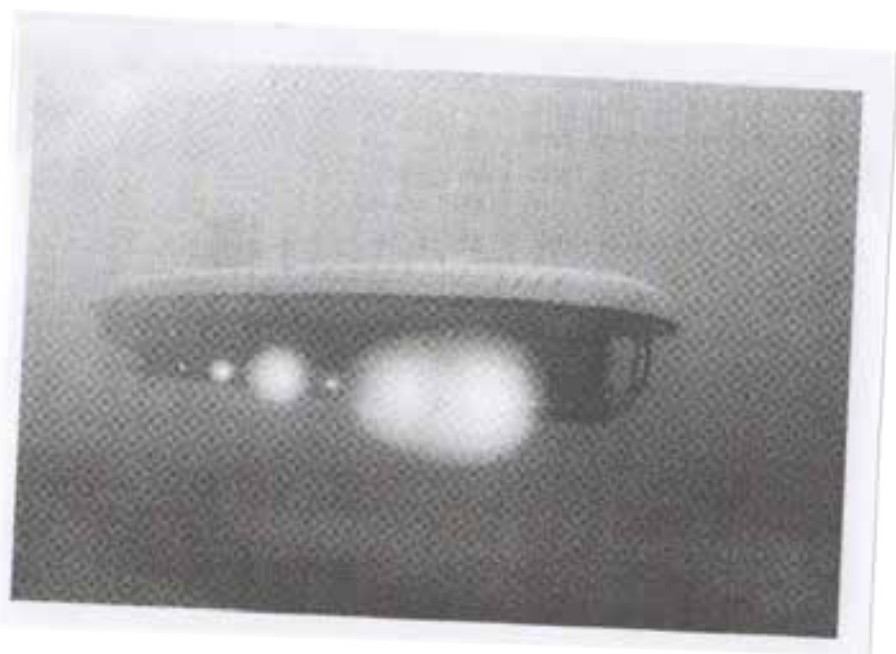


Debit

Como produtora e compositora, Delia Beatriz transita ininterruptamente e sem hesitações de música drone e vanguardista para música de dança experimental. Como DJ, as suas seleções trazem-nos o swing inconfundível da música eletrônica latino-americana e abordagens techno de sucesso.

O seu primeiro álbum, *Animus*, foi lançado em 2018 pelo coletivo N.A.A.F.I., da Cidade do México, e entrelaçava sons pneumáticos com música ambiente melancólica, tendo recebido elogios de FACT, Resident Advisor e Noisey. Enquanto estudante de Tecnologia Musical na New York University, Beatriz compilou o seu trabalho mais definitivo até à data, o EP *System*, onde solidificava a dualidade da sua abordagem única, reconstruindo música tribal guarachero usando sons que foi buscar ao techno industrial. *System* foi aclamado universalmente e terminou num lugar de destaque nas listas top do final do ano de FACT, Pitchfork e Resident Advisor. Em fevereiro de 2022, Debit lançou o álbum *The Long Count*, um ambicioso volume eletroacústico que mergulha no passado para perscrutar o futuro, que foi escolhido como Global Album of the Month pelo The Guardian. Recorrendo à sua investigação dos instrumentos de sopro maias, Beatriz desenvolveu instrumentos digitais e recorreu a software de aprendizagem de máquinas para compor música que parece completamente fora do tempo. O álbum foi lançado pela lendária editora discográfica britânica Modern Love.





THE LISTENING AFFECT

Institute for
Postnatural Studies

The Phonocene and
the EcolOgies of ListeninG

**“As You listen, the Particles
of sound decide to be heard.
ListeninG affects what is
soundinG. It is a sYmbiotic
relationshiP. As You listen, the
environment is enlivened. This
is the listeninG effect.”**

(Pauline Oliveros, *Deep Listening:
A Composer's Sound Practice*)

How are the sounds of the planet,
of all its creatures and territories,
changing within the climate crisis?
How do animals perceive the noise of
human activities, and of our spoken
languages? How does a plant sound
when it moves, stretching its leaves to
find light or moving its roots towards the
water? How do we hear solar flares? Or
electromagnetic waves? How does the
sound of the tectonic plates affect our
mood and daily routines? Can you think
of sounds that have gone extinct?

These and many other questions
are explored and embodied at *The
Listening Affect*, an arts and science
festival with more than 18 international
artists including music composers,
experimental sound artists, and acoustic
researchers. The city's sonic ecosystem
is amplified, reverberated, and entangled
through concerts, conversations, sound
activations, and performances. The
festival is an open platform and playful
ecosystem for generating collective
critical thinking around sound ecologies
and exploring new modes of empathy
and relationships with the environment.

Within the framework of the Phonocene,
described by Donna Haraway and
Vinciane Despret as a possible era of
sound, active listening can allow us
to access new modes of inhabiting
territories and dealing with the current
ecological crisis by prioritizing intra- and
inter-species kinships. Listening as an
ecological practice unfolds new forms
of attention that intrinsically require
empathy, slowing down, mutual respect,
and trust. Understood as an expanded
way of being in the world that goes
beyond hearing in a physical sense,
it explores sound as a catalyst for
collective and individual healing. Terms
such as archaeoacoustics, soundscapes
or acoustic ecology present new ways
of relating to art and research beyond
the primacy of the visual and the
normativization of the senses. Through
experimental practices, the invited artists
blur the boundaries between the visible
and the invisible, between human and
animal, between the physical and the
intangible, between diverse sensory
experiences, and other binary categories.

If we think with and through the
practice of *Deep Listening*¹, a term and
methodology coined by Pauline Oliveros
involving attentive listening, we can
more easily access the entanglements
between our inner sounds (physical,
emotional, and mental) and the sounds
of our exterior environment. When we
give attention to what we listen to, a
voice, a song, or an unknown sound, we

1 Oliveiros, Pauline. *Deep Listening:
A composer's sound practice*. IUniverse Inc. 2015

inevitably embody it, because it enters and moves us internally, allowing us to connect with our surroundings on a deeper level. Activating new modes of empathy through sound-making is one of the most influential effects of field recordings, experimental music and other sound practices.

In 1970, Roger Payne gifted humans some of the first whale recordings with his album *Songs of the Humpback Whale*². With this gesture, Payne allowed listeners to invite far-and-deep-away voices into their homes, to intrinsically understand that whales are social beings, with unique sensitivities, emotions, and desires of gift-giving and kinship. This sonic gesture caused a major cultural shift in how we relate to other-than-human animals. Having a voice, or the potential of making sound, is one of the main links that we share with the living and “nonliving” world.

Sonic technologies

In western modern and capitalist cultures, however, hierarchical relations and rigid knowledge systems transform voices into a product or category, and empathy into a consumer behavior strategy. This complicated relationship between empathy and consumerism raises critical questions about sound extractivism and the influence that sound recording holds on our understanding of “nature”, about how we relate to what we hear, especially in urban environments. In his text

Part 2: Unbecoming, Animal, Mitchell Akiyama³ explores the beginning of field recording technology, shedding light on how sound capturing entered the western knowledge-generating systems. Improved microphones increased the human auditory range and allowed us to strategically hide and listen to enemies during war times. However, the inability to silence the sounds and voices that inhabited conflict zones also allowed for the sonic entrapment of birds, insects, and other animals, climate phenomena, vegetal life, and the overall audible ecosystem. This technology, however, once it became more readily available, also allowed artists and scientists to create art and knowledge that responded to the dynamic complexities of the planet in a much less intrusive manner. Nonetheless, some valid questions should keep us critically thinking and feeling about sound recording and the human/non-human binomial. Are we nonconsensually borrowing the voices and sounds of others for personal or collective gain? Are we appropriating animal cultures? And how does that affect them?

In the multilayered world of relationships that sound awakens, other-than-humans must also be taken into account as perceptive and sensitive beings. For an ecology of equal relations that abandons hierarchies and respects others by understanding their differences, it is important to consider how our noisy

2 Roger Payne and Katy Payne. *Songs of the Humpback Whale*. CRM Records, 1970

3 Akiyama, Mitchell. *Land & animal & nonanimal* / co-edited by Anna-Sophie Springer & Etienne Turpin in association with Kirsten Einfeldt & Daniela Wolf. K. Verlag : Haus der Kulturen der Welt, 2015

technologies and machinery might be affecting their lives. Understanding noise pollution is undoubtedly an important task to measure the impact of our actions on the planet. If the material waste of the climate crisis is the physical witness of the acts of violence committed on the territory, there are infinite silenced stories of how we have also affected its sound spheres. Not only have the forests suffered from our felling, but all their inhabitants have lived with the deafening roar of the chainsaws. Mineral mines have not only been hollowed, losing their material, but they have also suffered the shaking of explosions and dynamite. In this sense, one might ask: How do other beings perceive our presence on the planet through sound? How are our sounds and noises perceived by forests, bodies of water, and insects? Can, for example, plants listen?

Since the 1970s, there has been speculation about the ability of plants to perceive certain vibrations and sound frequencies and react to them. The book *The Secret Life of Plants*⁴ by Peter Tompkins and Christopher Bird published in 1973 was the activator of new theoretical and artistic works on the issue, and in 1976 Mort Garson created *Plantasia*⁵, the first album made with electronic synthesizers composed to be heard both by plants and humans.

Many studies have emerged that determine which frequencies stimulate plants and what physiological responses

they provoke in them. From the very low frequencies, which are “heard” by plants to locate underground bodies of water, to the very high ones, which are perceived as a response to the hum of pollinating insects, plants’ sound sensitivity is very broad. In order to understand a new era of listening, we must therefore detach senses from anthropocentric exceptionalism and critically displace the human from the center to generate new spaces of alliances.

The album *Songs of Disappearance*⁶ by Bowerbird Collective and BirdLife Australia, released in 2022 with sound recordings by David Stewart and Nature Sound, brings awareness to the songs of endangered birdlife in Australia. Surprisingly, it charted the Australian music charts, surpassing mainstream pop culture artists and suggesting that there may be a fetish or pre-longing for lost bird songs. But why is it that some people only start to pay auditory attention when they learn that a sound is about to disappear? Can we think of a possible opposite scenario in which a living being is the actual recording technology and machines are the ones being recorded? The lyrebird, for instance, is a species of bird that replicates almost perfect sounds of its acoustic environment, including these human-made machines. So, if humans were to disappear in this scenario and the lyrebird to thrive, we could imagine a possible future in which extractivist “machines” continue living sonically through the technological animal body.

4 Peter Tompkins and Christopher Bird, *The secret life of plants*. Harper & Row, 1973

5 Garson, Mort. *Mother Earth's Plantasia*. Patchcord Productions, Hollywood, California, 1976

6 Anthony Albrecht, Simone Slattery, David Stewart, *Songs of Disappearance*. Bowerbird Collective. 2021

Most recently, not only humans and other-than-human animals are capable of sound making. Recently there has been an increase in code making and programming that allow artificial intelligence to generate sounds derived from prompts. What happens when technology starts to trick us into hearing something we are not? How would we inhabit sonic virtual realities? AI can now hamper the listeners' potential to distinguish the sounds of real birds and artificially generated birdsongs. Technology is reviving bodiless voices that have been extinct in their natural habitat. Will our future environments, zoological spaces, safaris, gardens, and parks host an array of machines that replicate lost songs?

Decolonizing sound

Another way to understand acoustic ecologies is through history, prioritizing listening to voices that have been traditionally subordinated by the current colonial and patriarchal structures. In her book *Undrowned: Black Feminist Lessons from Marine Mammals*, Alexis Pauline Gumbs⁷ invites us to reflect on the different forms of communication of certain marine mammals as a transformative and revolutionary resource. A material phenomenon and a symbolic trope that brings us closer to extinction, not only of other-than-human animals but also of subjectivities and cultures that have been historically silenced. As Vincianne Despret suggests in her book *Living as a Bird*,

songs, and sounds can create territorial frontiers in a more malleable way that is in unison with what is co-echoing and resonating with. When considering decolonial philosophy through sound, how can we listen to the sonic dynamics and resonances between the invader and the invaded, in the past and the present? In the context of Portugal as a colonizing country, how may the sounds, bodies, songs, ancestral knowledge, and voices of the Brazilian Amazon resonate in this political context, and what kinds of conversations, potentially healing ones, could derive from this form of territorial and sonic encounter?

Non-anthropocentric sonic entanglements

By reconsidering sonic modes of relating with other-than-human species, humans can dismantle the hierarchical capitalist drive for growth and “progress” not only to include other-than-human perspectives in the political, social, and economic dialogue but also to reconsider how we relate to each other as a species and the problematics of vocalizing through a “civilized” paradigm. Thinking through and with animals, plants, fungi, minerals, microorganisms, or other non-human agencies, generates a fertile ground to imagine a desirable future of coexistence and degrowth that includes a diversity of voices and experiences in a conversation that is not based on oppression, but on symbiotic relationships.

When we think of sound we should also not forget the multiscale principles of sonic entanglements. The sound the sun makes, for example, is directly linked to the behavior of our cells, proteins, hormones, and

⁷ Gumbs, Alexis Pauline. *Undrowned: Black Feminist Lessons from Marine Mammals*. AK Press, 2020

emotions. In his sonic journey *When the Earth Started to Sing*⁸, by David G. Haskell, we are asked to imagine how single cells came to be what we are today through sound. What mutation or transformation allowed bodies to make sounds, and most importantly, why? The climate and gravity had an enormous impact on how bodies evolved to be able to generate sound either through their body or by friction. But even before life started to flourish in the earth's mantle and oceans, the planet went through an extreme composition of noises, bangs and crashes. Imagine the sounds pre-earth made as its formations collapsed back and forth until it became unified as two Astro bodies. Imagine the sound of the Big Bang. These questions invite us to think of "natural history" through a different lens and, as we multiply modes of understanding, we are given a chance to co-world and co-build on different grounds, perhaps inspiring new relational systems.

Through concerts, workshops, performances, parties, and talks *The Listening Affect* celebrates sound and the joy of listening to far-away sounds, of dancing to future myths, of being bewildered by artificially generated birdsongs, of imagining other possible futures, but most importantly it invites us to listen as an act of radical ecological care.

If a Lion Could Sing

Filipa
Ramos

The philosopher Ludwig Wittgenstein has a famous say, often repeated and discussed in the context of Critical Animal Studies, in which he argues that *if a lion could talk, we could not understand him*.¹

Wittgenstein did not write about animals often and did not seem to care much about the solitude of a miscomprehended lion, or of any other animal for that matter. His sentence, which I also imagine as a lament for his own condition, in the vein of "if a philosopher could talk, we could not understand him," deals with the abyss that life and language share but struggle to bridge, particularly in Western cultures. If in the lives of some people, namely in the Amazonian context, big cats talk and are understood, sharing worlds and cosmologies with humans,² those that Wittgenstein refers to as "we"—the white, Western parcel of humanity he belongs to—fail to have such a connection. They would not understand lions first and foremost because they do not believe lions can talk, and why would they, if they would not care to understand what lions would

1 Ludwig Wittgenstein, *Philosophical Investigations* (Oxford: Blackwell, 1963), 223e.

2 On the topic, cf. David Wood, "Thinking with Cats," in *Animal Philosophy* (Matthew Calarco and Peter Atterton, eds.) (London: Continuum, 2004), 129-144, and Eduardo Viveiros de Castro, "Cosmological Deixis and Amerindian Perspectivism," in *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, vol. 4, no. 3 (September 1998) 469-88.

have to say anyway? It's a lion-shaped ouroboros. For the white Westerners Wittgenstein has in mind when he writes, understanding is contextual and species-determined, hence the expression of other beings remains senseless babble, locked within itself.

Listening bears responsibility and it is much easier not to understand what animals have to say. A visit to the zoo would be unbearable, with so many cries for help and hymns of grief and depression. Probably many domestic animals would not be that cute if they were heard, as they would entertain less and demand more. The violence of working in places of torture and genocide as farms and slaughterhouses would be impossible to ignore any further. And how to attend to a mother mosquito who would need our human blood to raise her offspring? It is better to remain ignorant. In many cases, Wittgenstein's sentence would make more sense as "if a lion could talk, we would not want to understand him." But the comfort of not understanding others extends beyond those instances in which an animal might be addressing a person, also applying to animal-to-animal communication. In her book *Living as a Bird* (2019), philosopher of science Vinciane Despret—an inspirational figure for this whole event—shares her research on bird cohabitation. Interested in how songbirds live together and relate to the territories they inhabit, she understands that "the song of the bird makes body with the space," transforming what was "around," what was "space," in an extension of the bird's body. Birds not only communicate and express their presence through sound, they actually exist through their songs' reverberation in space.

An anthropocentric perspective might be relieved for not having the ecstasy of listening to a dawn chorus damaged by the understanding of avian property claims and territorial disputes. What if a song thrush's melodic chant would sound like: "Get out of my place, this is my land!" or that the blackbird beautifully singing every morning would actually be shouting: "Come to me, gals, I am the biggest landowner there is!"

Yet the biggest challenge—one that Wittgenstein did not want to take—would be to de-anthropomorphise listening and comprehension. To understand another creature is not simply to grasp the meaning of the sounds they enounce but to comprehend and adapt to their worldviews. For instance, what humans have been programmed to see as possession and territorial claim might instead be a system of sharing and attunement, a choir of "this land is me, this land is also me, this land is us." Rather than competition and exuberance, what these animals may be expressing is shared energy and contagious desire, saying "I am we." Listening would become a practice of understanding and embracing nonhuman worldviews, and all the differences they bring.

The current interest in bioacoustics and sound ecologies often comes tainted by concerns for a world in peril while carrying the hope to preserve the sounds of individuals and environments that may soon disappear. While capturing sounds that may feel like the last is certainly important, it is hospicing the mentality that led to their disappearance that would be really transformative: listening has this

awakening and transformative power, bringing out a unique lucidity in people. Lions can talk and be understood. The more they are heard, the more what they have to say makes sense. May these be days of lion, bird, moulds, tree and grass hearing, for if understood wisely, the stories they tell can write a different future.

October 2023

Inspired by the Whale Hanging Above US, Which I Swear I Heard Whistle at Me

Sam Simon,
Infrasonica

We called him 'Uncle' as if his name were 'Grandpa.' I remember two things about him: The first is how he'd hunch over at the table, his accent thick with longing for a time when candies were flavored with bitter herbs. The second thing is how he'd tell the same story whenever my mom ladled out salty bowls of hot soup. When someone slurped too fast, they'd inevitably begin to hiccup.

Did you know, Uncle would say, animated as if we'd placed a coin into a slot. Did you know that hiccups are evolutionary? That we can trace this noise to a time, long ago, when humans swam in the seas, fearing sharks instead of wolves. That we spoke not with words but with gestures. Not with sound but with our beings.

That was until the whales, which were land creatures at the time, took to the sea. Imagine such a thing: whales with legs and toes. Perhaps we had flippers, fins. Anyway, their presence in the sea displaced us in the food chain, but it also left a canyon in the dry ecosystem above. As they descended into the depths, clicking, whistling, and howling, they sent rippling vibrations we felt in our chests. We huddled together and pointed to the surface. What else could we do but adapt?

So we climbed ashore and gasped. Our bodies didn't yet know how to breathe in air, how to take oxygen from the atmosphere, how to be like the deer in the woods or the birds in the trees. We flapped our gills, choking and wheezing until all at once our chests inflated.

On land, our relative silence allowed us to hear. No longer did we rely on the reverberations of the coursing currents for news, reading the rushing shoals or the rumbling of the earth as it split open. Now, there were chirps and shrieks, roars and growls. The patter of the rain. The wind. Instead of being lost to the emptiness of open water, noise resonated all around us, burrowing into the land, being absorbed by the trees, and stored by the stones.

Day by day, we learned to interpret this new world, gulping down more and more air until we filled ourselves, taking it so deep into our lungs, into our core that by the time we exhaled, it had been transformed into language. We spoke and hummed and sang and shouted until we could shout no more. Only then, when we paused to look around, did we notice that our children were breathing. It's when we take in oxygen from both the air and the liquid soup that our bodies remember a time when we needed to do both to survive.

ON THE JOURNEY OF SOUND FROM THE VIBRATIONS OF THE INAUDIBLE: THE TIMES OF SOUND AND THE SOUND OF TIMES

Pananby

COCHLEA CROUCHING
CONCAVE CONVEX
VIBRATING MEMBRANE
EARDRUM HAMMER

ANVIL STIRRUP
COCHLEA

CILIA

HERTZ

COLOURS

IN THE SNAIL

LIVES THE SOUND
THE WATERS

LET BY

IMAGES REVEALED BY
COCHLEAR CILIA
NUCLEATION OF THE
SEA BREEZE

SOUND

TIDAL WAVES

THE FOETAL EAR LISTENS TO TIME

To listen deeply, you must be sensitive to the inaudible vibrations of time. The sonic matter vibrates and causes tiny shifts in the air, an invisible material medium. It manifests itself through waves of moving particles carrying frequencies to the listening body.

The hammer hit my ear and I heard the echo.

The cochlea, a snail filled with water and buried with cilia.

First, the sound manifests itself in a gesture. Any gesture, made by anything, applied to a matter, with a certain intensity of force and speed, which disorients the seeming quietness of the atoms. This disorientation, which summons the vibration of this body, emits frequencies that, travelling in waves through the air like an invisible and delicate sea, reach other bodies. In this gathering, frequencies meet. In the listening bodies, waves of the resounding sea are collected by the ears and enter the ear canal and make three small bones vibrate: malleus, incus and stapes in a precious order where the stapes smooths and passes on the message to the eardrum, the thin membrane of sensation. From the eardrum, the vibration enters the snail, makes the water, the cilia and the microcilia vibrate, which recognise the different frequencies received/emitted and send these vibrational messages to the auditory nerve, which directs them to the brain, so that we can recognise and distinguish the different sounds.

IT'S ALL A QUESTION OF MATTER,
ELEMENT AND ENCOUNTER;

TRANSMUTATION,
TRANSUBSTANTIATION,
TRANSCREATION AND
TRANSMISSION

There are bodies that listen more with the skin of the heart than with the shell apparatus on the side of their heads. Full of membranes, the body is also sonic matter. Animal horns, which are vibration receptors of the world. What does the ox feel through its horns? A cranial

extension for defence, conquest... but do the horns also feel like antennae that pick up the world's vibrations? The horns hear the inaudible. In the darkness, hearing creates a body, the body creates antennas and the invisible becomes the world.

THE LAND AND THE SEA ARE ALSO
THE EARS OF THE WORLD.

Txai once told me that the shells guard the sea and she put them upon our ears. Listening beyond the ears, beyond the organ, beyond the functionality and efficiency of a complex apparatus of flesh and bone.

Nautilus. An ancient, deep-water cephalopod that feeds on decomposing bodies and live hermit crabs. In ancient times, it fed on trilobites, one of the first beings on earth. I imagine this immense being with its spiral shell listening-seeing-being the seabed through tentacle-threads.

We are related to the trilobites and the Nautilus, but little remains in our pounding memory. We must peel ourselves many times and dismantle the human form.

"My instrument is deepening and
widening; it's because I am
the holder of the spirit (...) I am
possessed by my own spirit/This
is the
music of the African muse/I
only want to be useful to my
ancestors/It's a
sacred work and it's dangerous
not to know this because you
could die
like an animal down here"

(Abbey Lincoln apud MOTEN)

Iku was Nanã's most beautiful son.¹ Birth, life and death like pieces from the same root from which entire forests sprout. The extermination policies rot the roots, they separate death from the course of life and establish a state of misfortunes with an address, skin tone, origin and accent. They silence us. But it's really in death that mouths open so widely that they sing silent sorrows for the dead to follow their directions. And gossips open in time to heal the cracks in the dug soil of those who remain.

"Where the scream becomes speech, it becomes music - far from the impossible comfort of origin - it lies the trace of our lineage."
(Fred Moten)

What were the first sounds of the Earth?

A planetary gestation in the mouth of the belly of the universe. It is born spat out like thick saliva that solidifies and is swallowed by Exu's mouth. At the bottom of the bottomless lies the possibility.

(...) Then, from the front of the head, from the occipital, lumps begin to rise like buds that open up and seek each other out, forming two large spiral bodies that descend down the neck, extending to the arms and hands that become dark brown velvet-covered antlers seeking the skies, orientated by the sun. Tentacles sprout from the face and the human figure is lost: there is no nose, eyes or mouth, there are only compounds of tentacles that contract and expand, absorbing the world. On the sides there are two receptor shells that capture and

amplify the sonic nourishment. When emptied, they also keep the sound of the deep tide's movement, of the abyssal waters. The whole body lines itself with cilia that react to the environment by orientating themselves in multiple directions and firing electromagnetic discharges that communicate with the world through pulse signals, frequencies and modulations. The legs resemble the hind legs of a black buffalo, with shiny fur, muscular and agile like those of a gazelle. It walks on three-toed hooves and, when it runs, it projects its upper body forwards becoming an arrow. In place of the nipples, navel and genitalia, there are retractable tentacles bigger than the tentacles of the head, with the ability to transform themselves into holes beyond the tentacular attainability. Conception and reproduction take place through dissonances of deep silence, where the frequencies between two or more bodies merge and modulate themselves, creating a liquid capsule that generates life. This capsule is kept between the horns until it the birthing moment, being sustained by its progenitors. Sometimes, according to the combination of these frequencies, the bodies are able to produce a holographic image produced by ultrasound. In situations of war, they can emit dissonant sounds over a wide range, generating the rapture of their predators through earthquakes, tsunamis, gales, major epidemics, among other large-scale land-based reactions. They remain unscathed, suspended in bubbles of electricity, while they conduct their symphony of attack. They can communicate over long distances through telepathic movements, but they must be in a liquid based environment

¹ Mother Stella de Oxossi tells us in her book "What the leaves sing (for those who sing leaves)".

for the connection to be established. In this place, they devise important defence strategies that have remained a secret for generations.

In the spiral horns, it occurs the phenomenon of deep hearing where, while being attentive, the lateral shells and cavities of the horns are filled with a liquid similar to amniotic fluid, rich in nutrients, which makes it possible for this class of beings to feed, as well as being responsible for the storage of memory, which occurs as a result of tides and lunar cycles.

THEY FEED ON SOUND
THEY COMMUNICATE BY
ELECTROMAGNETISM
THEY REPRODUCE BY SILENCE



Ute Wassermann

Krill
body snatch

My voice is a hybrid, a chimera, a cyborg. I go to the extreme regions of my voice. I sing with bird whistles and field recordings. My voice vibrates in raw materials, and (every day) objects. I do not consider the human voice as a detached entity, but rather as participating in a complex web of relationships with the many voices in my body and with the other-than-human voices sounding from objects, raw materials or environments.

Krill (20 min) for voice, objects and field recordings: An illuminated aquarium transforms into an imaginary acoustic underwater habitat, a sound object and laboratory. With the use of hydrophones natural sounds turn into a disembodied, metallic-technological soundscape. Ute Wassermann interacts with the other-than-human voices and at the same time becomes part of the soundscape. Does her voice remain human?

body snatch (25 min) for voice & objects: Ute's voice is morphing with the sound of bird whistles, and objects. Her voice changes its colour like a chameleon. It subverts common gender norms. Her singing comprises diverse vocal identities that are always interrelated by overlapping, complementing, contradiction and proliferation.



Laraaji

Laughter & Deep Listening

A two-sided journey into the practice of musician, mystic and laughter meditation practitioner Laraaji. Starting with a laughter meditation session, which leads participants through vocal exercises to warm the mouth, throat, chest and heart, opening the body to internal laughter. The second half of the session will be a deep listening session, using gong tones, zither, vocals and electronics to facilitate live sound bathing and inward contemplation.

Based in New York City, Laraaji began playing music on the streets in the 1970s, improvising trance-inducing jams on a modified autoharp processed through various electronic effects. Influential British musician and record producer Brian Eno saw him playing one night in Washington Square Park and invited him to record an album of ambient music at his studio. Laraaji went on to release a prolific series of albums for a wide variety of labels, many of which he recorded himself at home and sold as cassettes during his street performances. In recent years his profile has enjoyed a renaissance via a series of new and reissued recordings on the All Saints label, as well as worldwide performances, laughter meditation workshops and deep listening sessions.



PanambY

ABISSAL

It was in the slow transit of giving birth and digesting grief that I began to wash with different waters. There were baths in the sea, river, basins, gourd, bucket, rain and herbs. *ABYSSAL* is a song of deep tongues of water reflecting the firmament, a celebration of souls.

A sonic apparition in which I establish a dialogue with the processes of mass care and mourning. From big Kalunga, the endless abyss of the sea where black bodies were enchanted during human trafficking, in escapes and exiles, to the abyss of the sky in deep black populated by bodies and movements that forms us up from a diffuse ancestry, in agreement with the mystery.

It is configured as liquid darkness, blackout, voices carving labyrinths in time, disorientating perspectives, summoning blurred visions, becoming a dense and generative inherent space in symbiosis with impossible creatures.

Offering twilights to the eyes and a sonic dive through images revealed by the ears of the whole body. Omi, Emi, Ori. Water, breath and a bioluminescent head. Bones, fossils, ancestors buried in the ocean. Their voices resonate. Hear their call and wake up with me.



Alexandra Daisy Ginsberg

Machine Auguries: Toledo

Machine Auguries: Toledo is a site-specific immersive installation that creates a simulation of the natural chorus of birds at dawn, which is slowly replaced by artificial birds.

Machine Auguries: Toledo is a site-specific immersive installation that creates a simulation of a natural dawn chorus that is slowly taken over by artificial birds.

Drawing on the significance of the region's location on various spring migration flyways, Machine Auguries: Toledo reflects on the decimation of bird populations being caused by human actions from habitat loss to insidious light and sound pollution. Birds, critical to functioning ecosystems, are being forced to sing earlier, longer, louder or at higher pitches to communicate. But only those that can adapt, survive.

Working with local sound recordists, ornithologists, and Cornell University's Macaulay Library, Ginsberg collected thousands of recordings of bird species iconic to Toledo to create datasets of their songs. These were used to train a generative adversarial network (GAN) – two neural networks that work in a “call and response”. Reflecting on how birds develop their song from each other; here the machine learns from the disappearing birds. As the chorus concludes, we are no longer sure what is real.

closeness, humans inhale oxygen and exhale carbon dioxide, and plants do the opposite. *Plant Attunement* is a sound installation for breathing beings, where humans and non-humans interact with the soundscape created for the Galeria da Biodiversidade, breathing together.

This collaborative soundscape seeks to keep us — plants and humans — together to create a space of attention and to slow down time. *Plant Attunement* is also an exercise in synchronizing our fast rhythms with the rhythm of plants through hearing, entering into the life processes of plants, their realities and understanding their rhythm, their times and your time.



Infrasonica

Translation Ecologies:
On Sounds and Stones

Join Infrasonica's Eloisa Travaglini and Sam Simon for a workshop featuring a sonic essay and listening session. Through the activation of Infrasonica's archive along with light audience participation, they'll examine creative modes of translation that attempt to create a methodology for listening to the “inanimate” and assigning it language from an approach that decentralizes humanity. Can we extract knowledge preserved in the inorganic and begin to assemble a non-human lexicon, or must we accept a stone's insistence on silence?

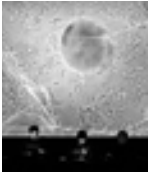
Infrasonica is a digital platform of non-Western cultures. We record, analyze and debate the eeriness of sound and its auras, linked to the world with the audible, the hidden and the sensitive. Infrasonic waves operate at a frequency that is undetectable by human ears even though they are often generated by massive ecological phenomena, such as the movement of tectonic plates or the deep currents of the ocean. Infrasonica aims to be a catalyst for those vibrations.



Inês Tartaruga Água

Plant Attunement

We may not notice it, but in a way, plants also “breathe”, they have microscopic pores in their leaves that absorb oxygen for breathing and carbon dioxide for photosynthesis, and this gas exchange is thought to have given rise to the current levels of oxygen in the atmosphere by around 20 per cent, allowing balanced conditions for the planet to sustain life. In an exercise in



Interspecifics

Speculative Communications

Interspecifics is a collective of observers and transformers of physical occurrences, bringing together several artistic and scientific subjects to create a living and hybrid art that uses DIY and customised hardware sets, which they call “ontological machines”.

Interspecifics takes advantage of the vibrating connections between species, using sound frequencies to associate worlds which are usually invisible, from bacteria and slime mould to plants and measurable planetary data, with which they create environmental soundscapes from a language of communication patterns - the sonic plot that Interspecifics calls “Non-human Rhythms”.

Interspecifics is an independent and international artistic research lab founded in Mexico City in 2013. We have centred our research on the use of sound and Artificial Intelligence to explore patterns that emerge from bio signals and the morphology of different living organisms, as a potential form of non-human communication. Our work is deeply shaped by the Latin American context, where precarity allows for creative action and ancestral technologies meet cutting-edge forms of production.



Laia Estruch

Whale Voices

Whale Voices is a 35-minute voice solo in which a sound path is developed through vocal training to bring our voice closer to the singing of whales, outlining an investigation between body and voice that seeks to draw closer to animal communication. Taking the voice as an extension of the body capable of summarizing issues relating to language, speech, gender or social structures, this project aims to continue analysing the emotional possibilities of the a cappella voice and the non-theatricalised body,

creating a space for live experiment, to bring the body and the message to the sphere of action through voice, sound and gesture.



Marta ZaPParoli

Interdimensional Generated Space – (2022)

A research-intensive piece focusing on the transcendental phenomenon of the Northern Lights and its voices. The planned performance uses self-made outdoor recordings of natural radio phenomena VLF made in Norway, in combination with the use of a self-made crystal radio, plus light, detectors, and motors, to simulate a technological audio-visual version of the Northern Lights in the space. The detector device makes sounds responding to electromagnetic fields and different types and intensity of generated light. Specific motors are also used to generate a continuity of electromagnetic forces in the performance space, picked up by the sensors. Visible and invisible processes in a contained form.

“Interdimensional” specifically refers to the movement of energy between modes of perception in dimensions of space - time. One part of this energy come from the composed mixture of “natural cosmic voices”, (self-recorded natural radio phenomena VLF specifically coming from the Northern Lights) which is changing in various sonic properties; and another part is coming from the electromagnetic forces generated in real time during the performance, all representing a more contained “sister process” to the cosmic field recordings.

This project was kindly supported by Musikfonds STIP(II) & NEUSTART KULTUR in 2022.



KMRU

As Nature

In a physical world, every space and place sounds and resounds, a sonic effect resulting from the interaction of source and sound. Some of these sounds are enacted due to human interaction with objects, while others are consciously reproduced through the acoustic transmission of mutual interaction of magnetic fields. These fields are increasingly present in the environment due to the active development of wireless technology, emission of electronic waste, and constant connectivity in our environments. Focusing on the attention to these environmental, psychological, and social implications of electromagnetic waves, an auditory *derivé* through silent and noisy spaces in Nairobi are recorded. These constant fluxes of invisible, silent waves of open cables, electronic dump sites, and homes inhabited by people in these places are sequenced and fused into an unseen sonic impression of these sound waves and amplifying them. *As Nature* brings foreground field recordings and electromagnetic sounds from Nairobi, reflecting upon the effects of these noises on the inhabitants of the place.



Wirawasu

Memories of a dog

Memories of a dog is an ongoing sound collision project based on sound fragments from an enchanted territory rich in acoustic biodiversity. It is a work designed from experiences in Alto Rio Negro using amateur recordings and the inclusion of electronic elements, creating atmospheres of collisions and ethereal ambiances. The material was produced in São Gabriel da Cachoeira - AM and it's connecting theme is improvisation.



Antoine Bertin

Antoine will weave together ideas of music and biodiversity, science and rituals, machines and interspecies conversations. A listening journey punctuated with short sound stories, invitations to hear and other audio inspirations taken from his work and practice. Antoine Bertin is an artist working at the intersection of science and sensory immersion, field recording and sound storytelling, data and music composition. His creations take the form of listening experiences, immersive moments and audio meditations exploring our relationships with the living world.



Filipa Ramos

A conversation with

Filipa Ramos, born in Lisbon, is a writer, teacher and curator. Her research focuses on the relationships between contemporary art and film, how moving images address environmental and ecological issues and, in particular, the ways in which artists' films foster interspecies relationships between humans, non-humans and machines. She teaches on the MRes Arts at Central Saint Martins (London) and in the MA program at the Institute of Arts, Hochschule für Gestaltung und Kunst, Fachhochschule Nordwestschweiz (Basel). Ramos is the founding curator of Vdrome, a program of film screenings by visual artists and filmmakers that she runs with Andrea Lissoni. She is the curator of the symposia series "The Shape of a Circle in the Mind of a Fish" with Lucia Pietroiusti for the Serpentine Galleries, London.



Andrea Zarza Canova

(Untitled)

In this listening session I will make audible the relationships between landscape, folklore and labor through a selection of field recordings and songs. These sounds were sourced from amongst the 35000 vinyl LPs housed at the Fonoteca Municipal de Porto during a 2 week research residency. During this residency a mixture of intuition, reading, hours of listening and conversations with the Fonoteca's archivist Armando Sousa, guided me through this unique collection of sound recordings. In this listening session I will offer the results of my residency and insight into my process, reflecting on how through 'close listening' to sound archives, historical sounds reveal themselves as vital tools for critically navigating our identity and surroundings.



Emil Saiz

Sonic Biodiversity

In a post-natural world, the very concept of biodiversity expands to encompass not only the variety of living organisms but also the diversity of soundscapes. Porto's unique ecosystem shaped by centuries of human interaction with nature, is a testament to this broader understanding of biodiversity. In this collaboration with the Institute for Postnatural Studies, I intend to bring the wealth of sound that surrounds the festival into the halls of the Galeria da Biodiversidade, enabling attendants to appreciate the rich tapestry of Porto's sonic imprint through a series of compositions created using field recordings captured in sonically significant spots within the city.



Lovers & Lollypops

Lovers & Lollypops was created in 2005 as a result of the characteristic DIY urgency, the impulse to make things happen and the desire to document and publicise all the music that excited us at the time. Eighteen years and more than a hundred discs later, that's still the great motivation: to record what has been one of the most fertile moments of musical creation in Portugal and beyond, through record publishing, promotion and agency.

From the very beginning and alongside its publishing activity, L&L has organised concerts and festivals — including the iconic *Milhões de Festa and Tremor* — in a constant act of reinvention, searching for new paths and languages, which come together around founding ideas such as freshness, lyricism and persistence. In a constant act of reinvention, L&L's life is far from static, but rather a continuous search for new paths and languages, which come together around basic ideas: freshness, lyricism and persistence.

For *The Listening Affect* after party, Lovers & Lollypops invites three South American new voices that, through performance and sound, will map the exploratory nature of club culture and its intrinsic poetics.



Rezmorah

Phauna

Phauna is the ultimate creature of her species, an optimistic eco queer faun-humanoid being, fated to perform a techno-tragic ritual-sacrifice to give birth to new seeds of her race. A living capsule of this experiment will be exhibited at the festival. Rezmorah is a spiritualised, optimistic and positive trans person. Raised on music and poetry, twice born on performance art, big stages and many streets. Rezmorah is an urgent creator of post-ecological, post-binary, post-performance everything, of the now. They feature audiovisual. live electronics and structured improvisation, post-dramatic trinary codes and strong, rich images.



Lechuga Zafiro

Uruguayan DJ and producer Lechuga Zafiro, a.k.a. Pablo de Vargas, seeks to express the nuances of Latin American experience through his music. With a background in experimental music and rhythms from the Southern hemisphere, de Vargas started producing as Lechuga Zafiro in 2012. Influenced by the drums of the Afro-Uruguayan candombe tradition, Mexican tribal music, and Angolan-Portuguese kuduro rhythms, and field recordings and sound design Zafiro first caught the attention of dancers and listeners with *Sapo de Manga*, released in 2013 on Matias Aguayo's Cómeme label.

An acclaimed DJ with a playful disregard for genre consistency, Lechuga Zafiro showcases the intricate and the energetic within his sets, moving from baile funk to upbeat bass music to his own productions with dexterity.

was universally acclaimed, and placed prominently on year-end lists at FACT, Pitchfork and Resident Advisor. In February 2022, Debit released album *The Long Count*, an ambitious electro-acoustic tome that delves into the past to peer into the future, which was deemed Global Album of the Month by The Guardian. Using research she made into Mayan wind instruments, Beatriz developed digital instruments and harnessed machine learning to compose music that feels completely out of time. The album was released on legendary British imprint Modern Love.



Debit

As a producer and composer, Delia Beatriz drifts seamlessly from avantgarde and drone modes into experimental dance music without hesitation. As a DJ, her selections burn the unmistakable swing of Latin club music into ironclad techno frameworks. Her debut album *Animus* was released in 2018 by Mexico City collective N.A.A.F.I., and wove pneumatic club sounds with melancholy ambience, receiving acclaim from FACT, Resident Advisor and Noisey. While she was studying a graduate degree in Music Technology at NYU, Beatriz assembled her most defining statement to date, *System*. This EP solidified the duality of her unique approach, reconstructing tribal guarachero music using sounds snatched from industrial techno. *System*

**QUE SONS
HABITAM
O SEU
CORPO?**

Curated and co-produced by:
 The Institute for Postnatural Studies
www.instituteforpostnaturalstudies.org
@instituteforpostnaturalstudies

The Institute for Postnatural Studies is a center for artistic experimentation from which to explore and problematize postnature as a framework for contemporary creation. Founded in 2020, it is conceived as a platform for critical thinking, a network that brings together artists and researchers concerned about the issues of the global ecological crisis through experimental formats of exchange and the production of open knowledge. From a multidisciplinary approach, the Institute develops long-term research focused on issues such as ecology, coexistence, politics, and territories. These lines of investigation take different shapes and formats, including seminars, exhibitions, and residencies as spaces for academic and artistic experimentation.

Conceptualização e Coordenação do Programa /
 Conceptualization and Programme Coordination:
 Karol Muñozcano
 Gabriel Alonso
 Yuri Tuma

Concepção Espacial / Spatial Design:
 Pablo Ferreira Navone

Design Gráfico / Graphic Design:
 Matteo Guarnaccia

Design Gráfico assistente/ Graphic Design assistant:
 Alicia Sánchez González

Animação / Design Animation:
 Nabill Parvizi

Assistente de Edição / Editing Assistant:
 Clara Benito

Agradecimentos / Acknowledgements :
 À Filipa Ramos, pelo convite, e a toda a comunidade Sonora com quem tivemos o prazer de conviver durante a nossa estadia no Porto.
 To Filipa Ramos, for the invitation, and all the Sound community we had the pleasure to be entangled with during our times in Porto.

DEPARTAMENTO DE ARTE CONTEMPORÂ-
NEA ÁGORA E.M. / CONTEMPORARY ART
DEPARTMENT ÁGORA E.M.

Assessoria de Programação /
Programming Consultancy:

Juan Luis Toboso
Nuno Rodrigues

Direção Executiva / Executive Direction:
Sílvia Fernandes

Coordenação de Produção /
Production Coordinator:
Nuno Rodrigues

Produção Executiva / Executive Production:
Ana Brito

Produção / Production:
Vítor Rodrigues

Comunicação e Edição /
Communication and Editing:
Tiago Dias dos Santos (coord.)
Diana Reis
Hernâni Reis Baptista

Assistente de Direção Executiva / Executive:
Direction Assistant
Yoan Teixeira

Assistente Administrativa / Administrative Assistant:
Cláudia Almeida

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente / Mayor:
Rui Moreira

ÁGORA

— CULTURA E DESPORTO DO PORTO, E.M.

Presidente do Conselho de Administração /
Chairman of the Board of Directors:
Catarina Araújo

Conselho de Administração / Boards of Directors:
César Navio, Ester Gomes da Silva
Secretariado da Administração / Secretariat:
Liliana Gonçalves

DPO / DPO:
Filipa Faria

Direção de Gestão de Pessoas, Organização
e Sistemas de Informação / Direction of People
Management, Organisation and Information Systems:

Sónia Cerqueira (Diretora), Cátia Ferreira,
Elisabete Martins, Helena Vale, Joana Ngola,
João Carvalhido, Jorge Ferreira, Madalena
Peres, Paulo Cardoso, Paulo Moreira, Ricardo
Faria, Ricardo Santos, Salomé Viterbo, Sandra
Pinheiro, Susete Coutinho, Vânia Silva

Direção de Serviços Jurídicos e de Contratação /
Direction of Legal Services and Contracting:

Jorge Pinto (Diretor), Amanda Leite, André
Cruz, Eunice Coelho, Francisca Mota, Pedro
Caimoto, Leonor Mendes, Luís Areias, Luís
Brito, Manuel Teixeira, Márcia Teixeira, Marta
Silva, Sofia Rebelo

Direção Financeira / Financial Direction:

Rute Coutinho (Diretora), Alexandra Espírito
Santo, Ana Paula Areias, Ana Rita Rodrigues,
João Monteiro, Fernanda Reis, Manuela
Roque, Mariana Vilela, Sandra Ferreira,
Sérgio Sousa, Sónia Pinto

Direção de Comunicação e Imagem / Direction of
Communication and Image:

Bruno Malveira (Diretor), Agostinho Ferraz,
Catarina Madruga, Francisco Ferreira, Gina
Macedo, José Reis, Rosário Seródio, Pedro
Sousa, Ricardo Alves, Rui Meireles, Rute
Carvalho, Sara Oliveira, Maria Bastos



Passos Manuel



muséu
de história natural
e da ciência u.porto



galeria da biodiversidade
centro ciência viva
mhnc u.porto



Planetário do Porto
Centro Ciência Viva

Institute for
Postnatural Studies

GALERIA
MUNICIPAL
DO PORTO

Porto.

